

O poder da reza: práticas populares de curas mágicas numa perspectiva freudiana

The power of prayer: popular healing practices over the lights from a freudian perspective

El poder de la oración: prácticas de curación populares sobre las luces desde una perspectiva freudiana

Franciel dos Santos Rodrigues¹

Antônio Clarindo Barbosa de Souza²

Resumo: Trilhando pelo caminho do imaginário religioso popular, nos deparamos com a presença da prática de reza promulgada por rezadores e rezadeiras dos mais diversos espaços sertanejos. Sua simbologia, ritos e práticas agem enquanto mediação entre o mundo sagrado e o terreno a fim de trazer harmonia interna e externa para aqueles que possuem crença nessa tradição de fé. Nesse sentido, analisamos nesse texto as práticas de curas desenvolvidas por esses indivíduos através de uma perspectiva freudiana, com a intenção de compreender como as relações desses rituais agem no inconsciente daqueles que possuem crença nessa prática a fim de harmonizar sua sensação de desprazer a partir das análises das narrativas orais das rezadeiras e dos sujeitos que possuem crença nessas práticas, tomando-as essas narrativas enquanto fonte, podemos por meio das memórias desses depoentes encontrarmos os motivos que os fazem crer nessas tradições de forma histórica e cotidiana.

Palavras-chaves: História. Cultura. Psicanálise

Abstract: Walking the path of popular religious imaginary, we come across the presence of the practice of praying enacted by prayer men and women from the most diverse spaces in the countryside. Their symbology, rites, and practices act as a mediation between the sacred and the earthly world in order to bring internal and external harmony to those who believe in this faith tradition. In this sense, we intend in this text to analyze the healing practices developed by these individuals through a Freudian perspective, with the intention of understanding how the relations of these rituals act in the unconscious of those who believe in this practice in order to harmonize their sense of displeasure from the analysis of the oral narratives of the women healers and the subjects who believe in these practices, taking these narratives as a source, we can, through the memories of these deponents, find the reasons that make them believe in these traditions in a historical and daily way.

Keywords: History. Culture. Psychoanalysis

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: franciel.histo@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP). Professor Associado IV da Universidade Federal de Campina Grande e professor do Programa de Pós-graduação em História da mesma Instituição de Ensino Superior. Contato: antonioclarindo2018@gmail.com.

Resumen: Recorriendo el imaginario religioso popular, nos encontramos con la presencia de la práctica de la oración representada por orantes y orantes de los más diversos espacios del campo. Su simbología, sus ritos y sus prácticas actúan como mediación entre el mundo sagrado y el terrenal para aportar armonía interna y externa a quienes creen en esta tradición de fe. En este sentido, pretendemos en este texto analizar las prácticas curativas desarrolladas por estos individuos a través de una perspectiva freudiana, con la intención de comprender cómo actúan las relaciones de estos rituales en el inconsciente de quienes creen en esta práctica para armonizar su sentido de displacer a partir del análisis de las narraciones orales de las curanderas y sujetos que creen en estas prácticas, tomando estas narraciones como fuente, podemos a través de las memorias de estos deponentes encontrar las razones que les hacen creer en estas tradiciones de manera histórica y cotidiana.

Palabras clave: Historia. La cultura. Psicoanálisis.

Introdução

O que nós chamamos inicialmente história não é senão um relato. Tudo começa com a vitrina de uma lenda, que dispõe objetos, "curiosos" na ordem em que é necessário lê-los. É o imaginário de que temos necessidade para que o alhures repita apenas o aqui. Impõe-se um sentido recebido numa organização tautológica que não diz outra coisa além do presente.³

Ao introduzir a discussão que se apresentará nesse texto, nos apropriamos da colocação de Certeau para discutir as relações entre História e os estudos freudianos. Para ele, enxergar a história aos olhos de uma perspectiva psicanalítica é perceber alguns movimentos que nossas ferramentas historiográficas talvez não nos possibilitem. Em especial, ao tratar do imaginário que se interliga com o inconsciente dos sujeitos, como o imaginário religioso do povo, ao qual se apega, se apropria e encontra dentro da representação sagrada sua noção de felicidade.

A partir da centralidade do conceito de imaginário e analisando o mesmo dentro de um olhar psicanalítico através das obras *Totem Tabu* e *O Mal estar na Civilização* pensados por Freud, pretendemos através de nosso objetivo, compreender e discutir sobre as relações entre os indivíduos que buscam a cura ou a sensação de prazer ao serem curados de seu flagelo através do ato reza, despertando uma sensação de sentimento oceânico a partir da sua crença interligada com sagrado religioso popular.

O místico, o medo, e os mais diversos flagelos que assolam o cotidiano humano são causas que segundo Freud⁴ possibilitam os sujeitos partirem em busca de rotas de fugas para

³ CERTAU, Michel de. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 255.

⁴ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

subjugar seu sofrimento terreno como forma de repreendê-lo, dentre as mais diversas formas, destacamos a busca pelo aspecto religioso e a devoção para o sagrado enquanto um meio necessário para amenizar os sofrimentos internos e externos. Nesse sentido, o universo da reza adentra esse meio enquanto eixo psicanalítico ligado ao sagrado como defende Quintana⁵ e que está ligado historicamente ao íntimo dos sujeitos que procuram os detentores dessa prática.

Partindo desse pressuposto, vislumbramos esse trabalho através do diálogo entre História e Psicanálise em dois momentos: Compreender a dimensão histórica e cultural ligado ao universo popular, especificamente do homem sertanejo enquanto um indivíduo repleto de crenças e vivências a partir de sua busca para esse ritual pensando enquanto um meio para harmonizar o sofrimento. Posteriormente, nos debruçaremos sobre as narrativas de algumas rezadeiras e indivíduos que já se voltaram para essa prática, e assim discutirmos seus rituais, simbologias e tabus relacionados a esse universo.

Por fim, pretendemos nesse texto, além dos pontos elencados, pensar e refletir sobre como o inconsciente é um mecanismo capaz de introduzir os sujeitos a partirem em busca do mundo externo para experimentar diversas sensações que amadurecem sua condição humana e que ao mesmo tornam-se dependentes dessas sensações marcadas e fincadas historicamente em diversos aspectos como os rituais de rezas aqui estudados.

O sentimento de proteção...

O sentimento de proteção ou sua necessidade em sentir-se protegido galga diversos caminhos, aqui, destacamos o sentimento de proteção emanado dentro da cultura sertaneja e sua necessidade da busca por uma entidade sagrada em diversos espaços, dentre eles, o espaço religioso popular⁶, interligado mais intimamente com o cotidiano do povo como coloca Azzi.⁷ Pensar a ideia do sagrado, especialmente dentro do espaço sertanejo é deleitar-se através de uma concepção histórica que aborda a reflexão e construção dessas identidades fundamentadas por um viés religioso.

⁵ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

⁶ Pensaremos nesse artigo o conceito de religiosidade popular pensada por Azzi enquanto uma representação ligada ao povo iletrado aos moldes das instituições religiosas oficiais. Ver: AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁷ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

Em torno de um misticismo ligado ao universo popular do sertanejo⁸, nos deparamos com as mais diversas superstições, crenças, adivinhações, simpatias e ritos religiosos que se fundem com seu imaginário desde o período colonial ficando dentro do imaginário cultural desses sujeitos uma representação mística, poética e religiosa como coloca Rosa em sua obra. O olhar devoto e o sentimento de crença historicamente rodeiam o espaço do povo em diversos aspectos, sejam eles religiosos, culturais e folclóricos.

Na literatura de Guimarães Rosa, nos deparamos com esse universo mítico descrito por ele na sua obra *Grande Sertão: Veredas*, nela, percebemos a presença de Riboaldo e sua narrativa em torno de um universo misterioso, marcado por uma figura demoníaca e pela presença do sagrado. Em torno dessa obra, o embate entre o demoníaco, pensado por aquilo que acarreta os mais diversos flagelos está presente, bem como no cotidiano sertanejo analisado por Cascudo⁹ que retoma ao período colonial para compreender a presença desse embate que atravessa no imaginário social e adentra na sociedade.

Para além de uma perspectiva literária, percebemos a ligação entre o homem sertanejo e o sagrado, em especial, sua devoção para o sagrado em busca de proteção para as mazelas, medos e doenças que aterrorizam o inconsciente do homem. Essa necessidade de proteção é marcada por um sentimento paternalista abrangente, possível através das tradições religiosas que abraçam o indivíduo a partir da ideia de salvação.

A religiosidade era um sentimento, expressado na mentalidade e não na constante prática de oração e sacramento. Reza do homem é o bom proceder! Raras missas, confissão na desobriga quaresmal, não dever-promessa, o sinal da cruz ao acordar, comer, dormi abençoar os filhos, salvar na porta da igreja, respeitar o santo nome, tal era o regime daqueles varões de plantação de gado.¹⁰

O sentimento religioso e a ideia de proteção se encontram no ato de rezar, o sujeito dentro de seu imaginário e crença encontra no ritual de reza o clamor por cura e proteção. Esse ritual é pensado segundo Azzi¹¹ enquanto prática devocional capaz de curar e blindar os sujeitos dos perigos que afligem o espírito como a presença maligna. É por meio do espaço da reza que diversos agentes compostos de saberes oficiais e populares atuam enquanto mediadores, dentre eles, destacamos o poder da reza emanado através das vozes de rezadeiras

⁸ Os Sertões é apresentado nesse enquanto uma construção identitária cultural ligada ao espaço religioso, que marca dentro de sua construção cultural, as heranças enraizadas do sagrado como coloca Pereira (2010).

⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª Ed. - São Paulo: Global, 2000.

¹⁰ Ibidem., p. 25.

¹¹ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

e rezadores que possuem essa característica de caminhar entre múltiplos saberes ligados ao imaginário religioso.

A presença de rezadeiras e rezadores enquanto detentores de saber popular é pensado enquanto uma identidade cultural enraizada especialmente na crença do sertanejo de diversos espaços, seu hibridismo¹² possibilitou à essa prática se apropriar de diversas mesclas culturais e religiosas adaptando-se em sua prática. Ritos de reza, curandeirismo, partos e rituais de proteções são alguns exemplos desse universo promulgado por essas autoridades que atuam sejam no espaço rural ou urbano, com apenas um propósito, agir a favor da sociedade para proteger, curar e intermediar as relações entre os pacientes com o mundo sagrado.

Segundo Quintana¹³, a procura por rezadeiras e rezadores está ligado a necessidade e a construção histórica da crença religiosa entre os homens desde o período colonial, marcado por um conjunto de misticismos herdados do mundo medieval europeu, no qual tudo era voltado para o sagrado cristão, todavia, nas colônias brasileiras essas crenças se mesclam num processo sincrético entre as práticas europeias, africanas e indígenas, no qual fortalecem ainda mais essa desconfiança para o estranho marcado por representações diabólicas. Por meio desses movimentos sincréticos, as narrativas em torno de um poder diabólico ganham outra face ainda mais forte, que afeta não apenas aqueles ligados ao catolicismo como outras entidades religiosas.

Por outro lado, os obstáculos, as adversidades e as imperfeições da natureza eram atribuídas normalmente ao poder diabólico, considerado como fonte de todos os males do mundo. Daí a importância das preces e bênçãos destinadas a afastar essa influência do demônio e seus malefícios.¹⁴

Benzer, curar e rezar foram artifícios que adentraram o cotidiano do povo para agir como proteção dos males, em que um universo marcado por representações sagradas poderia oferecer, por meio desses aspectos, Rodrigues¹⁵ compreende a presença de rezadeiras e rezadores enquanto representação de uma entidade de autoridade desses rituais, nas quais, os ritos e rezas promulgadas por eles partem da ideia de intermediação entre o poder sagrado sobre os flagelos mundanos.

¹² Para o conceito de Hibridismo, atribui-se as interpretações de Canclini (1989) no qual compreende as relações híbridas enquanto um diálogo entre universos diferente, mas que dialogam entre si.

¹³ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

¹⁴ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 155.

Os rituais são diversos, no mundo popular e na linguagem do povo as variedades se modificam em torno de rezas específicas, existem as de mau-olhado, mordidas de cobra, quebrante, nas quais possuem rituais e simbologias específicas representadas por meio das rezas e gestos promovidos pelos benzedeiros e benzedeadas¹⁶. Aos olhos da cultura popular, as representações sagradas se tornam uma dimensão para além do mundo real, onde, a visão do divino e sua devoção torna-se capaz de suprir e saciar aquilo que o mundo terreno não oferece. Sentir-se protegido e buscar o sagrado enquanto resposta para guardá-los do mal é uma tradição presente nessa cultura.

De acordo com Eliade¹⁷, a comoção e a fé voltada para o sagrado pelos homens, parte de sua condição histórica em sentir-se subjugado por um ser superior, nesse sentido, o homem volta-se para o sagrado em busca de proteção para os perigos que o mundo apresenta, justificando esses perigos como um castigo por desobediência. Por meio desses aspectos que afligem os sujeitos, as práticas de rezas passam a surgir enquanto mediação para acalantar esses anseios através do seu ritual.

Os gestos, as rezas e os ramos formam um conjunto singular de sua prática, para Rodrigues¹⁸, a rezadeira não só cura, mas acalenta, aconselha e acalma, por meio de seu dom e sua ligação com o sagrado ela age enquanto intermediária entre o sagrado e aqueles que possuem crença nessa prática. Aqueles que se voltam para um rezador ou rezadeira entendem a necessidade de repreender seus sentimentos naquilo que Freud¹⁹ conceitua enquanto sensação de desprazer, são essas sensações externas causadas por doenças, dores, ou acidente, ao mesmo tempo elas agem para acalantar os desprazeres internos, na qual, para aqueles com crença em entidades religiosas se interliga com o sagrado.

O ser humano, como já vimos, se nega a aceitar o real, um real que marca sua fragilidade. Esse real rompe, por assim dizer, com toda uma realidade, com a construção de uma determinada ordem sociocultural que permite substituir a natureza da qual o homem carece. Portanto, tudo aquilo que escapa a ela é visto como algo incontrolável e ameaçador.²⁰

¹⁶ Segundo Cascudo (2011) os termos benzedeiros, rezadeiras e rezadores são designados para definir os mesmos grupos, nesse sentido, esse exto utilizará ambos os termos.

¹⁷ ELIADE, Mircea, 1907 1986. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁸ RODRIGUES, F. dos S. *Entre o dito e o escrito: histórias e memórias das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó* - PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

¹⁹ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

²⁰ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 32.

Observamos a partir de Quintana como o ser humano se afasta do real e rompe com sua realidade, é por meio desse romper que notamos essa fragilidade do ser humano em poder lidar com as consequências que permeia seu meio social, tornando-o frágil, fraco e submisso, permitindo que o mesmo ao se deparar com algo descontrolado encontre respostas no mágico. Ao debruçar sobre as práticas de rezas, percebemos além de um sentimento de busca por reprimir as sensações de desprazer uma simpatia paternalista por encontrar nesses detentores de saberes uma cura.

A reza é vista assim, enquanto um caminho para a cura, aquele que reza se volta para sua entidade sagrada e clama palavras que emanam poder. O enfermo que procura esses sujeitos segundo Quintana²¹ possui uma crença em suas palavras ao ponto de negar até os saberes médicos oficiais. Para Freud essa necessidade de proteção faz parte do princípio que é estabelecido como finalidade da vida, é a busca pelo prazer e pela felicidade que fazem com que os sujeitos olhem para as tradições religiosas como mecanismo que confortam sua condição humana.

Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo.²²

Para Freud o sinônimo de prazer é a sensação de felicidade, nesse sentido, a busca pelo prazer e o medo para as sensações de sofrimento se tornam um grande incômodo para o homem, permitindo assim, que o desejo pelo prazer domine o aparelho psíquico. Tal questão pode ser observada dentro da perspectiva religiosa através da prática de reza, onde o enfermo procura a rezadeira por entender que a mesma possui a capacidade de afastar esses desprazeres causados por adoecimentos, ao mesmo tempo, ele sente-se protegido ao ser benzido por elas. Observamos o sentimento de crença na prática de reza ao analisar algumas narrativas, sobre esse ponto, destacamos a narrativa de Margarida Bezerra, na qual retoma suas lembranças sobre como presenciava as práticas de reza da sua mãe.

Oxe, eu via demais, teve uma vez que um povo do sitio Carneira, que veio no carro de Cícero, um povo muito apegado ao meu pai, trazendo um homem engasgado, cuspidando sangue, ai chegaram lá em casa e disseram “Joaninha, tenho fê que as palavras de Deus saem da sua boca reza nessa criatura que ele ta desenganoado”. Aí

²¹ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

²² FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 21.

mãe foi lá e rezou três vezes e fez um chá, quando foi com pouco tempo ele deu um grito e botou o osso pra fora. Depois com um mês ele foi lá a casa com bode, mas mãe não quis, porque ela rezava e não queria nada em troca.²³

Ao tomar como base as memórias²⁴ de Margarida que testemunhou a prática de reza de sua mãe Joana, percebemos explicitamente em torno da narrativa o quanto a crença supera o mundo real nesse momento para suprir a sensação de desprazer no qual o enfermo sentia no momento. No ato de desespero, sua família não procurou um médico, mas uma rezadeira na qual enxergavam enquanto detentora do poder de cura, a procura, a reza e ação da cura nessa narrativa expõe o quanto o homem busca meios para isolar seu eu dentro de um espaço sem desprazer.

“Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador”.²⁵ O ato da reza torna-se a partir da prática de cura das rezadeiras e rezadores um eu-de-prazer, pois, para aqueles que acreditam nessa prática, ao ser rezado tornam-se blindados paras as mazelas da alma, sobre aquilo que eles chamam de “corpo fechado”, ou seja, o indivíduo que é protegido dos malefícios mundanos por uma benção divina. Nesse sentido, o tópico aqui discutido pensa a prática de reza enquanto um meio para seu sentimento de proteção, e através desse rito o sujeito busca cotidianamente abraçar o sagrado religioso para manter-se protegido dentro das barreiras dessa prática.

“Para ser curado é preciso ter fé”

Pessoas acometidas por enfermidades como já abarcado, buscam na religiosidade e nos ritos promulgados por rezadores e rezadeiras uma harmonia para seu flagelo, pensando sobre esse olhar através do ato de cura, Quintana²⁶ compreende que as práticas de benção possuem enquanto função, harmonizar o corpo social dos sujeitos, tendo em vista que a doença para o mesmo é enxergada enquanto uma consequência coletiva capaz de desorganizar socialmente o espaço no qual convive. É certo, que os rezadores são vistos enquanto terapeutas naturais, todavia, a harmonia social não é promulgada apenas por eles, é preciso que as pessoas que procuram esses sujeitos possuem crença em suas práticas.

²³ Margarida Bezerra da Nóbrega, agricultora 75 anos, aposentada, Rua Joselito Araújo, Junco do Seridó PB.

²⁴ MAURICE, Halbwachs. *A memória coletiva*. Edit. Revista dos tribunais, SP, 1990.

²⁵ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13.

²⁶ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

A partir desse olhar no qual é necessário que o enfermo possua crença na prática, partimos de outra observação aos olhos de uma leitura freudiana na qual ao conceito de sentimento oceânico que conduz o homem a crer num ser superior capaz de protegê-lo, mas acima de tudo, um sentimento capaz de sensibilizar o sujeito para compreender que as consequências do mundo terreno são passageiras mediante a sua salvação pós morte. Sobre esse olhar, a fé ganha um papel fundamental para condição do sujeito religioso, pois é através dela que o mesmo alcança sua salvação.

Adentrando ao espaço da reza promulgado por rezadores, compreendemos por meio de alguns tabus relacionando ao seu ritual que a fé também é ponto fundamental para prática de reza, mas não apenas a fé que a rezadeira ou rezador possui e sim a do enfermo, todavia, a crença na prática não deve partir para os rezadores, deve ser designada para representação sagrada dentro do âmbito da reza, pois para as rezadeiras e rezadores segundo Teothonio²⁷ quem cura é a entidade divina através da mediação com a rezadeira ou rezador.

“Essa providência do homem comum só pode se imaginar como um pai grandiosamente elevado. Apenas um ser assim é capaz de conhecer as necessidades da criatura humana, de ceder a seus rogos e ser apaziguado por seu arrependimento”.²⁸ Percebe-se que a felicidade emanada pela ideia de sentimento oceânico só é possível porque dentro do imaginário dos homens existe a presença da figura paterna representada por uma entidade sagrada, essa mesma presença e sua crença é o que dentro da religiosidade chamamos de fé.

Dentro da prática de reza existem narrativas que fundamentam esse pensamento, narrativas essas que partem justamente de pessoas que frequentaram os espaços de rezas, ou que promulgam esses ritos enquanto rezadores, através dessas narrativas, podemos compreender o que faz esses sujeitos procurarem as rezadeiras e as proibições de suas práticas por temerem uma entidade superior. Aqui reservamos um espaço para a narrativa de uma crente das tradições de reza, Maria do Carmo da cidade de Junco do Seridó e através de seu depoimento percebemos essa relação mística sobre o ato de rezar.

Nem faz muito tempo, e eu adoeci desse olho esquerdo, ele inchou, fui ao médico, usei colírio e nada, não melhorei de jeito nenhum, aí eu disse sabe de uma coisa, isso foi vento e eu vou procurar ajuda, fui a Dona Nazaré ela rezou três vezes e eu fiquei

²⁷ THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. *Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB*. Dissertação (Mestrado em História), Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2010.

²⁸ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 19.

boazinha. Conheço também Lourdes que reza até pra apagar fogo. Lourdes herdou do pai dela, um grande rezador e ela é tão boa quanto ele, reza de tudo.

Na narrativa de Maria do Carmo nos deparamos com o reconhecimento da prática de reza acima do saber médico científico, ela retrata que o médico não conseguiu amenizar sua dor, fazendo-a crer que apenas o poder da reza seria possível para adentrar sua doença e poder agir. A presença do saber popular se fundamenta especialmente pela crença que o sujeito possui na prática, após a rezadeira proceder seu ritual, Maria do Carmo sentiu-se curada. Segundo Quintana²⁹, o ritual da reza possui um conjunto de características que dialogam entre a religiosidade e a psicanálise, haja vista, que o mesmo ressalva que ao procurar uma rezadeira o enfermo cria de forma inconsciente a certeza que será curado, fazendo-o acreditar em todo rito.

A reza promulgada por rezadores e rezadeiras passam por esse sentido de fé como discutido, outro ponto no qual podemos compreender essas relações partem da narrativa de Nazaré, uma rezadeira popularmente conhecida na cidade de Junco do Seridó no qual atua desde os anos de 1980, por meio de sua voz nos deparamos com um profundo conhecimento sobre o ato da cura e sua relação com o sagrado.

Eu não rezo por interesse, não tenho fé nesse povo que cobra para rezar. O povo traz coisas pra mim, galinha, carne e eu dizemos: não me dê nada em intenção da reza não, por que Deus não deixou a gente pra cobrar nada em troca não. Povo liga pra mim, pronto! Esses dias mesmo Seu Geraldo de Salgadinho ligou pra mim, para eu rezar nele, e na volta me traria uma galinha pra mim, eu rezei e disse que não trouxesse nada, porque a gente não pode cobrar nada não, nós reza, mas o poder da cura é de Deus.

Ao tratar propriamente a tradição de reza, trazemos a narrativa de Nazaré, através dela retomamos a Certeau³⁰ no qual compreende que a psicanálise pode oferecer outras ferramentas para o trato da operação historiográfica, dentre ele, percebemos as luzes de Freud³¹ a existência de tabus dentro da prática de cura que controla o sujeito que reza e aquele que é rezado. Em seu texto *Totem tabu*, o Tabu é pensado enquanto proibições, leis que visam controlar culturalmente e socialmente os indivíduos, todavia, o tabu também é visto como um controlador de desejos do inconsciente. Nesse sentido, percebemos por meio do depoimento

²⁹ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

³⁰ CERTAU, Michel de. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

³¹ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

de Nazaré os tabus relacionados a prática de reza, a exigência da caridade e a crença na reza através do Deus cristão.

Sobre a exigência da caridade, podemos perceber dentro da fala de Nazaré onde a mesma ressalva que não cobra valores simbólicos como pagamento, pois para ela o ato da reza é pensando enquanto um dom divino, em que a caridade sobre o ato da cura é sua missão enquanto rezadeira. Teothonio³² ao pesquisar sobre essas práticas dentro da comunidade de Areia-PB ela cita que as curandeiras desse espaço cobram por seus trabalhos, porém dentro da prática no sertão paraibano existe um ato de caridade e sua proibição por agir sobre uma perspectiva financeira.

Para Nazaré, o ritual no qual é cobrado ou que não possui a crença do enfermo torna-se um ritual inválido e sem eficácia da cura, então o tabu nesse sentido adentra o universo da reza para manter o equilíbrio entre o que os crentes dessa prática enxergam como dom. Pensando o ato da reza enquanto mediação dentre as representações sagradas percebemos um misto de sentimentos ligados ao ato, o sentimento de gratidão segundo a rezadeira como forma de agradecimento pode ser aceito enquanto presente, mas ao ser presenteada sobre o interesse na cura, a mesma recusa. Esse sentimento de gratidão do enfermo deve-se voltar para Deus, assim como a prática de reza é promulgada em nome dessa entidade no qual através desses rituais, a rezadeira dialoga e atua para sociedade em busca de amenizar seu sofrimento.

Segundo Freud, existem algumas maneiras de criar rotas para superar as sensações de desprazer, seja por meio de criações fictícias ou até mesmo de intoxicações, porém segundo ele o “Mais enérgico e mais radical é um outro procedimento, que enxerga na realidade o único inimigo, a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver e com a qual, portanto, devem-se romper todos os laços, para ser feliz em algum sentido.”³³ Partindo desse pressuposto, adentramos no universo religioso no qual encontra e conceitua enquanto inimigo a representação diabólica, para eles tudo que eleva uma consequência ao sujeito se interliga a representação diabólica da prática católica.

³² THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. *Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB*. Dissertação (Mestrado em História), Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2010.

³³ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 25.

O medo em pecar e ser castigado, de cometer algum ato que leve ao ato de pecar são justificados pela presença demoníaca, nesse sentido, o indivíduo crente dessa prática, encontra na religiosidade uma saída para reprimir os pecados e romper com esses laços, e assim alcançar a salvação. Por outro lado, o ato de benzer e as práticas de cura se tornam nesse momento um meio para repressão desses anseios que assolam o homem, na qual só é possível a partir de sua crença na prática. É a fé que eleva o sujeito ao sentimento de felicidade eterna, que ameniza suas dores e que fazem acreditar que por meio de sua fé eles encontram na rezadeira um caminho para uma determinada cura.

Para compreendermos melhor essa noção de fé do enfermo que procura a rezadeira para combater seus males, destacamos a narrativa de Marina Galdino, uma senhora na qual já procurou as práticas de rezas e compreende essa relação da prática e fé do sujeito que as procuram, para ela a fé torna-se essencial para as práticas religiosas. No imaginário popular a devoção está presente dentro dos âmbitos privados e públicos do sertanejo, e por meio dessa devoção encontramos a busca por prazer através da religiosidade.

Quando eu era mais nova e não tinha muito experiência eu procurava as rezadeiras sim, para me rezar de olhado e eu tinha muito olhado, já fui a algumas, mas não hoje. Eu rezo em mim mesma e nas pessoas que precisam, mas não sou rezadeira, apenas rezo como cristã. Eu acho que é um dom, isso é um dom que a gente tem de servir ao outro, e eu não disfaço de nenhuma. Olhe, porque a gente é curada não pela pessoa que reza, mas pela sua própria fé, por exemplo, eu posso rezar em você, se você tiver fé você é curado, mas não é minha reza é a fé, e elas tem o dom, cada um tem um dom.³⁴

A narrativa de Marina é contundente com nossa discussão, pois para ela a cura não parte necessariamente da reza, mas pela fé que o sujeito possui da reza, tendo em vista que o ato de rezar por ele mesmo não abrange significado. De acordo com Quintana³⁵ a fé mediante a prática de reza justifica-se por um olhar psicanalítico em dois aspectos, primeiro por esses sujeitos que creem nessa prática estarem marcados por elas desde a sua infância, no qual seus pais os levavam para essas senhoras, o que fazem perceber a crenças dos mesmos a partir do seu Eu-adulto, percebemos esse ponto através de Marina em que ressalva em sua narrativa a procura dessas senhoras em outro momento. Posteriormente através da ideia de dom no qual Marina coloca, o dom enxergado dentro da perspectiva cristã que possibilita com que os fiéis encontrem intermediários para sustentar sua crença na ideia de felicidade eterna.

³⁴ Marina Galdino da Silva, 68 anos, professora aposentada, Rua Alcinda Maria, Junco do Seridó PB.

³⁵ QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

A busca pela felicidade eterna é um sonho utópico para Freud³⁶, no qual compreende o quanto é ineficaz a visão do eterno, pois para ele, os homens também são movidos para superar seus sentimentos. Na religiosidade segundo Azzi³⁷ o sofrimento é um caminho para a salvação, os atos, preces, promessas e rezas são na realidade a busca para superar esse sofrimento. Assim como Marina compreende a reza enquanto dom e a importância das rezadeiras no agir desse mundo caótico, o universo religioso popular se encontra através desse espaço, pois a ligação do povo com práticas cotidianas desse tipo foi construída por essa necessidade de salvação.

O ato de rezar e as práticas de curas por rezadeira aos olhos comuns aparenta ser algo simplório, muitas vezes sem sentido para aqueles que não possuem crença nessa prática, porém, ao analisar o íntimo dessa prática a partir das narrativas de pessoas que rezam e que procuram essas pessoas não buscando distinguir detalhadamente seus ritos e simbologias, mas buscando compreender os discursos desses sujeitos sobre as rezas, crenças e os motivos que fazem eles buscarem as rezadeiras, passamos a observar as relações inconscientes dos sujeitos através do que eles chamam de fé e como essa busca é especialmente para sanar seus sofrimentos por adoecimentos do corpo e espírito.

Poder da reza nesse sentido emana de um sentido dualístico através de quem reza e de quem procura a reza, é preciso esse diálogo que interliga os dois indivíduos para o poder da cura agir, assim, a intermediação surge enquanto representação do sentimento oceânico na terra voltado o prazer e felicidade ao ser extraído a enfermidade.

Algumas Considerações

Nesse trabalho, percebemos o ato de rezar enquanto uma prática cultural que atravessa os estudos ligados a história e religiosidade adentrando ao universo psicanalítico e por ele observamos que ato da reza possui significados que se interligam com nosso inconsciente fazendo-o com que aqueles que creem nessa prática encontrem uma saída para as mazelas que acompanham o seu ser. O que denominamos enquanto religiosidade popular, historicamente surge enquanto uma necessidade de adaptação entre o povo e sua dependência com o sagrado, todavia, através das narrativas aqui apresentadas fomos capazes de compreender o quanto

³⁶ FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 25.

³⁷ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

uma tradição se prolonga para além de seu tempo por encontrar nos sujeitos que a procura uma forma de sobreviver.

O poder da reza nesse texto emanou através da crença das narrativas analisadas e por meio delas percebemos o quanto os sujeitos buscam uma ideia infinita de salvação, cura e proteção, sentimento no qual a religiosidade pode ser capaz de oferecer, mas que requer proibições, caridade e crença, características essas que passam a disciplinar o rezador e o rezado pela busca de uma harmonia social, por manter aprisionado as sensações de desprazeres externas e internas, seus medos e anseios justificados por representações como pecado. Ou seja, o ato de rezar nos é apresentado não apenas com um rito de cura para uma enfermidade corpo, mas também do espírito, no qual foi possível observar aos olhos da perspectiva freudiana e compreender uma vertente desse misto de múltiplos saberes promulgado por rezadeiras e rezadores.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de história Oral*. 3ª Ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDRADE, Maristela O. *A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético*. João Pessoa, CAOS, 2009.

AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*/. Petrópolis: Vozes, 2004.

BASTIDE, Roger. *O sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BÓISIS, Eclea. *Memória e Sociedade, Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BURKER, Peter. *História cultural na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª Ed. - São Paulo: Global, 2000.

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3º Ed. - Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTAU, Michel de. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- COSTA Joalison de S. *As velhas benzedeiros/rezadeiras cacimbenses*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), João Pessoa: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, 2018.
- ELIADE, Mircea, 1907 1986. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Totem e tabu*. Edição Standard Brasileira das. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GINZBURG, Carlos. *Os Andarilhos de bem*. São Paulo, Companhia das Letras 2010.
- MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. História da vida privada v.1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.155-220.
- MAURICE, Halbwachs. *A memória coletiva*. Edit. Revista dos tribunais, SP, 1990.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.
- RODRIGUES, F. dos S. *Entre o dito e o escrito: histórias e memórias das rezadeiras e da comunidade de Junco do Seridó - PB*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2019.
- SALES, Cristiane Maria Pimentel. *Rezadeiras—uma fé popular*. OPSIS, 2007.
- SOUZA, Maria Cristiane Pereira. *A palavra e o lugar da cura: história oral*. Porto Velho, 2008.
- TOMPSON, E. P. *Costumes em comuns*. São Paulo. Companhia das letras 1998.
- TOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Edunicamp, 2010.
- TEIXEIRA, Douglas. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.
- THEOTHONIO Andrea C. Rodrigues. *Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB*. Dissertação (Mestrado em História), Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2010.

Fontes Orais

Marina Galdino da Silva, 68 anos, professora aposentada, Rua Alcinda Maria, Junco do Seridó PB.

Margarida Bezerra da Nóbrega, agricultora 75 anos, aposentada, Rua Joselito Araújo, Junco do Seridó PB.